PARTINDO com determinação no peito, logo percebi que desfazer as malas era um pesadelo. De fato, como fomos ingênuas ao pensar que terminaríamos antes da hora de dormir. Para esta noite, decidimos ao menos arrumar um espaço para dormir, e então nos encolhemos sob os cobertores. Afinal, o colchão que havíamos trazido estava coberto de caixas de papelão abertas.

Nossa cama improvisada devia parecer um ninho de rato. Quando olhei para o lado, vi Shimamura descansando pacificamente com os olhos fechados; fiquei observando-a por um momento, depois voltei a encarar o teto.

A partir de agora, nós duas passaríamos todos os dias juntas. Tentei imaginar isso, mas era tudo tão vago que parecia irreal. Apesar de termos planejado tudo, feito a mudança e agora começado a desfazer as malas, minha mente ainda não tinha assimilado.

Deitada ali, era como se eu estivesse me vendo de fora, desligada da realidade — como se meus sentimentos estivessem separados do mundo real. Tentei juntá-los novamente, mas minha mente era uma neblina branca. Eu parecia me lembrar de ter uma visão clara do futuro quando saí da casa da minha mãe, mas ela deve ter se dissipado enquanto caminhava com a Shimamura. Talvez meu cérebro só precisasse de um pouco mais de tempo para processar minha nova e incrivelmente perfeita vida ao lado dela…

Olhei para ela de novo. Desta vez, seus olhos se abriram, como se obedecessem a um comando. “Não consegue dormir?”

“Hum?” Um susto me atravessou com a pergunta repentina — com aquele olhar inesperado.

“Seus olhos estão brilhando.”

Pareciam mais estar queimando. Meu corpo estava pesado de cansaço, mas minha mente corria sem motivo. “É, não consigo dormir,” confessei baixinho. “Fico pensando em um monte de coisas.”

“Hmm.” Os olhos dela vaguearam por um instante; então ela se virou, trazendo o corpo na minha direção. O sorriso dela era caloroso e reconfortante. “Quer me contar? Só até você começar a ficar com sono?”

“…Tá bom.”

Envolvida naquela aceitação suave como um bebê no berço, comecei a sentir um relaxamento. Eu costumava ficar muito mais nervosa perto dela, então, pela primeira vez, podia perceber que havia melhorado. Será que, daqui pra frente, meu coração acabaria ficando completamente insensível a isso? A ideia me deixou um pouco triste.

Agora que eu estava calma de novo, o sono chegou rápido — mas desta vez, eu lutava para ficar acordada. *Poxa, decide logo.*

“Pode falar. Sou toda ouvidos.”

“Hum…” Tocando o dedo no meu lábio inferior, recolhi meus pensamentos como se fossem pedrinhas num rio. “Talvez eu tenha exagerado quando disse ‘um

monte’. Primeiro de tudo, está começando a cair a ficha de que realmente vamos passar todos os dias juntas. Sempre que for hora de fazer alguma coisa, você estará bem ao meu lado. Vamos a lugares juntas, voltaremos para casa juntas... você vai estar lá. E segundo...” Quando coloquei em palavras, tudo virou uma longa linha só, como um fio de espaguete. “Ah, pensando melhor, é só uma coisa só,” corrigi a mim mesma.

Shimamura sorriu meio sem jeito. “Isso não é novidade, boba.”

“Verdade. É que eu não tenho conseguido pregar o olho desde que te conheci... acho.”

Um minuto eu estava deitada na cama, no escuro, e no outro, me pegava pensando na Shimamura. E quando o sol nascia no dia seguinte, eu ainda estava pensando nela. Estranho como eu era uma pessoa completamente diferente, mesmo com o meu cérebro sendo pelo menos 95% Shimamura nesse ponto. Provavelmente eu pensava nela mais do que ela mesma.

“Lamento muito ouvir isso, minha querida Adachi-san.”

“Hum? Oh, não, não se preocupe!” Balbuciei, pega de surpresa. Depois de todos esses anos, eu ainda era tão desajeitada. Ficava claro que eu não tinha talento para me comunicar, mas, por algum motivo, a falta de talento raramente era aceita como uma desculpa válida para parar de tentar.

“Sabe, seu nível de energia é bem impressionante para quem dorme tão pouco.”

“É mesmo?”

“Pelo menos do meu ponto de vista.”

Ela sorriu e fechou os olhos, como se estivesse relembrando algo. Na escuridão da noite, eu podia ver vagamente os ombros dela tremendo com uma risadinha contida. Apesar da curiosidade, decidi deixar para lá. *Pelo menos ela estava se divertindo.*

O problema era que a conversa meio que acabou. *E agora?* A resposta, claro, era óbvia: eu deveria tentar dormir. Mas como conseguiria, com os olhos da Shimamura fixos em mim? *Pense em um assunto!* Eu disse em silêncio, tentando fazer o cérebro trabalhar.

“Você falou com sua família?”

“Hum?”

“Antes de sair.”

“Ahhh.” O olhar dela subiu, em lembrança. “Foi meio igual a qualquer outro dia. Lembro que fiquei meio desligada, mas talvez eu estivesse só com sono. Ah, e…”

“E?”

“Um carneirinho estava comendo repolho.”

“...O que isso significa?”

“Não se preocupe com isso,” ela riu. Tentei decifrar, mas acabei desistindo; dava para perceber que, por mais que eu pensasse, aquilo nunca faria sentido. “E você? Conversou com a sua?” ela perguntou, num tom usado para falar com criança — algo que não gostei muito. Mas o fato de ela se dar ao trabalho de perguntar, para mim, era prova de que ela já sabia a resposta.

“Não muito.”

“Entendi.”

Assim, do nada, parecia que estávamos de volta ao ensino médio. Era algo que acontecia muito quando eu falava com a Shimamura — como se um jorro de água fresca e cristalina passasse pelo meu peito, frio e nostálgico, mas alegre. Evidentemente, era assim que eu vivenciava minhas antigas lembranças.

“Ok, agora é sua vez de falar sobre algo.”

“Estamos revezando?” Não conseguia lembrar se realmente tínhamos seguido uma ordem, mas ao ser encorajada, parei para pensar. “Você estava pensando em algo antes de adormecer?”

“Hmm, só pela metade.”

“Pela metade...?”

“Metade dormindo,” ela esclareceu. “Eu estava imaginando nós duas morando aqui até ficarmos velhas e grisalhas. Foi uma sensação engraçada.” Ela beliscou uma mecha de cabelo entre os dedos e olhou a cor dela. “Acho que estava pensando a mesma coisa que você.”

“Ah…”

Uma flecha atravessou meu coração, como se tivéssemos tocado as pontas dos nossos dedos indicadores. Algo o puxava, para cima e para baixo, fazendo-o vibrar com minhas emoções. Talvez a linguagem humana tenha sido criada justamente para encontrar esses momentos fugazes de sintonia.

“Acha que vamos ficar velhas assim?” perguntei.

“Vai acontecer, confia em mim,” ela respondeu com uma voz cantarolante. Depois de uma risadinha, o silêncio desceu entre nós — mas desta vez, era pacífico e satisfatório. Nada de pânico. “Então, quer dormir agora? Pela longevidade?”

“Claro.”

“Boa noite.”

Com essa despedida, ela fechou os olhos. De lado, notei o que parecia um pequeno sorriso satisfeito no rosto dela... ou seria só o que eu queria ver? E mais, quando eu acordasse, teria um bom dia a poucos centímetros do meu rosto... A ideia fez meu sangue borbulhar nos pulsos.

“Boa noite,” respondi depois de uma pausa, fechando meus próprios olhos.

Difícil dizer quem de nós adormeceu primeiro enquanto a noite avançava.

***

Uma voz suave chegou aos meus ouvidos enquanto eu enterrava o rosto no travesseiro.

“Adachiii...”

Ela sacudiu meu ombro. Minhas pálpebras tremularam, e minha mente focou na visão à minha frente. O sol da manhã entrava pela janela, cortando com nitidez as bordas do meu campo de visão. Então, com um suspiro, meu cérebro se ligou, e eu saltei para cima, recuando. “Aaagh!”

“O que foi isso?” Shimamura piscou, levantando as duas mãos em rendição.

“Você me assustou...”

“Pois é, você também me assustou!”

Passando a mão pelo cabelo para tirar os fios dos olhos, olhei ao redor. Então percebi: *certo, nos mudamos para nosso novo apartamento na noite passada.* “Não esperava que você...” Quis dizer “me acordasse”, mas nem minhas frases conseguiam se completar.

“O que tem de assustador em eu te acordar?” ela perguntou, com um bico.

“Porque... porque você está acordada bem cedo...”

“Estou mesmo, né?” Ela sorriu radiante. “Parece manhã de Natal!” E com isso, saiu do quarto. No outro cômodo, eu a ouvi falando sozinha: “Hora do café da manhã!”

Enquanto isso, eu olhava para o nada. *Shimamura estava animada? Com o quê?*

Um olhar pelo quarto revelou a resposta na hora.

Então fiz contato visual com o bichinho de pelúcia dela, esquecido na cama.

“Hahgh...!”

Sem saber como, perdi o equilíbrio no meio da risada.

Decidi não trocar de roupa e fui direto para a sala, onde me sentei em frente à Shimamura. Enquanto ajeitava meu cabelo despenteado, pensei na nossa nova vida juntas. Eu estava acordada, mas parecia que ainda estava dormindo. Shimamura sorria para mim, exatamente como eu sempre sonhei...

“Aqui está.”

Ela me entregou um sanduíche e uma caixinha de leite; aceitei e enfiei o canudo. O líquido geladinho refrescou meu corpo de dentro para fora. Só então a névoa do sonho começou a se dissipar de vez.

“Quando a gente se ajeitar aqui, vamos precisar aprender a fazer nosso próprio café da manhã todo dia,” Shimamura disse.

“É...”

“Parece muito trabalho,” reclamou ela com um sorriso torto. Me lembrou daquela ligação com a mãe dela. Pelo menos hoje de manhã eu não precisei chutá-la.

Obviamente, nosso desempacotamento não tinha avançado desde a noite anterior, por isso estávamos comendo sanduíches de loja de esquina no café da manhã. Compramos eles no caminho da estação de trem até aqui ontem, e fiquei agradavelmente surpresa ao perceber que a qualidade tinha sobrevivido à noite. *Isso é o poder do pão*, pensei, enquanto quebrava outro pedaço com os dedos.

“Esse pão é super bom,” comentou Shimamura.

“Ah, é,” respondi de forma seca.

“Não é tão bom assim?” ela perguntou, sorrindo meio sem jeito.

“Não, é... é ótimo!” me corrigi apressadamente.

“Não precisa concordar comigo, sabia?”

“Eu estou gostando, juro. Só que, hum... dispenso a explicação.”

Porque é muito esforço. Mas obviamente não disse isso em voz alta, já que seria grosseiro. Mesmo assim, ela devia ter percebido, porque continuava sorrindo.

“Você realmente não liga pra comida, né?”

“Isso não é verdade... Bem, talvez um pouco...” *Só quando tenho que comer algo que não gosto. Espera, que comida eu não gosto? Nem lembro.*

“Eh, tudo bem. Tem gente que só se importa com comida, então acho que isso acaba se equilibrando,” ela concordou consigo mesma, beliscando uma fatia de tomate que ameaçava cair do sanduíche.

Será que nós duas nos equilibrávamos, ela com um interesse normal por comida e eu com nenhum? Claro que tínhamos que estar equilibradas, senão não estaríamos juntas... certo...?

“Então você não se interessa por comida. Agora entendi,” ela murmurou. Evidentemente a conversa estava avançando na cabeça dela, mas eu me sentia deixada de fora.

“Do que você tá falando?”

“Bem, lembra de quando você trabalhou naquele restaurante chinês no ensino médio?”

“E...?”

“Agora percebo que foi perfeito pra você, já que você não come quando está entediada. Você era a garota perfeita pro trabalho!” ela exclamou com genuína admiração, e quanto mais eu ouvia, menos conseguia sentir o gosto do sanduíche.

“Shimamura... você é bastante estranha às vezes.”

“Hum?”

Depois do café e de escovar os dentes, era hora de voltar a desempacotar — ou pelo menos eu achava. Mas então ela se sentou no chão (ainda não tínhamos sofá) e declarou: “Tá, vamos fazer uma pausa até terminar de digerir!”

Ah.

Mas quando me sentei ao lado dela, ela começou a dar tapinhas no meu ombro. “Vai, Adachi, você tem que ser a pessoa que me impede de ficar enrolando!”

“O quê?!”

“Nesse ritmo, eu vou acabar dormindo!”

Ah. “Hum... n-não pode ter pausa!”

“Tá, tá, acho que você tem razão...”

Ela levantou e arregaçou as mangas. Por que estávamos passando por essa encenação? Eu tinha muitas perguntas, mas, ao mesmo tempo, até que era divertido.

Corremos de um lado para o outro no condomínio apertado, montando nosso ninho, esbarrando uma na outra enquanto carregávamos nossos pertences para todo lado. Quando a brisa da janela aberta já não dava mais conta de amenizar

o calor e o suor, comecei a lembrar do segundo andar da academia. Foi lá que meu tempo com a Shimamura começou, e, ao olhar fixamente para as paredes brancas, percebi o quanto já havíamos avançado desde então.

“Vai fazer uma pausa, Adachi?” ela perguntou enquanto passava atrás de mim, carregando suas roupas.

“Hum? Não tão cedo!” protestei, numa tentativa de parecer motivada.

Enquanto isso, ela entrou no quarto e voltou. “Orgulhosa de você!” deu de ombros. “Porque eu vou fazer uma pausa.”

De mãos vazias, Shimamura foi como um ímã atraída para o sofá azul novinho que escolhemos juntas. Ela se jogou ali com seu bichinho de pelúcia, uma foca, e ficou olhando meio perdida para a tela da TV ainda apagada. Ela havia prendido o cabelo antes de desempacotar, mas agora ele começava a soltar; alguns fios caíam em seu rosto. Sem saber o que fazer, fiquei ali em pé, indecisa. O apartamento mal estava arrumado, só metade feito.

“Sabe, eu tava pensando...” começou, olhando para o teto enquanto acariciava a foca, alisando a pelúcia.

“O que foi?”

“Já que se mudar pra cá foi um pesadelo enorme...”

“É?”

“No mundo ideal, acho que a gente devia tentar não se mudar tanto!” ela exclamou. Com a foca no colo, ela pegou os pés e se encolheu numa bolinha. Então, olhou direto para mim.

“Boa ideia...?” concordei sem muito entusiasmo, me perguntando se era só isso que ela queria dizer.

Ela desviou o olhar de propósito. “Aff!” Colocou a foca em cima do rosto. “Adachi, queria que você parasse de me zoar tanto.”

“Como assim?” Não entendi.

“Tenho que explicar tudo? Tudo mesmo?” perguntou, com a voz abafada pela pelúcia.

Segurei um grunhido confuso, que não soava muito diferente do barulho de uma foca de verdade.

“Bem, olha...”

“Sim?”

“Quero dizer que quero morar aqui por muito tempo e nunca mais precisar me mudar.”

Atrás da foca, os lábios dela estavam levemente curvados para baixo. Uma água quente subiu pelo meu corpo, me submergindo. Agora que eu entendi, meus ombros e rosto ficaram estranhamente tensos.

“Ah, é isso que você quis dizer?”

“É! Ha ha ha!” ela riu, como se estivesse dando de ombros.

Me aproximei do seu campo de visão e me ajoelhei diante dela.

“Uhwhaaa?!” Assustada, ela se sentou. Dois pares de olhos me encaravam — os dela e os da foca. *Argh, esquece a foca!!!*

Nesse momento, a pergunta que rondava minha mente surgiu de repente: Seríamos só nós duas daqui para frente? Para sempre? Num impulso, abaixei a cabeça num gesto de respeito.

“Eu... estou realmente ansiosa por isso!”

Shimamura se sentou ereta e colocou a foca de pelúcia de lado. “Vou precisar da sua ajuda com um monte de coisas daqui pra frente, então espero que esteja preparada.”

Com um sorriso travesso, ela olhou para mim, e senti minha energia recarregar. Um calor se espalhou por cada centímetro do meu corpo, queimando minhas bochechas e orelhas em busca de uma liberação. Claro que eu ajudaria a Shimamura se ela pedisse; como poderia não ajudar? Do meu ponto de vista, não era um favor, mas sim uma missão enviada lá de cima.

“Antes de tudo, me traz uma bebida,” ela ordenou, de braços cruzados.

“Claro!” Levantei rapidamente e corri para a cozinha.

“Espera! Eu tava brincando!”

Eu sabia disso, mas fui mesmo assim. Na verdade, talvez eu estivesse fugindo da vergonha de ser uma cachorrinha totalmente submissa.

***

Surpreendentemente, uma parte de mim ainda tinha um pouco de medo de chamar este lugar de lar. Na banheira, afastei a água com os braços e observei o líquido escorrer de volta enquanto emoções puras brilhavam no meu peito. Parecia que o limite mínimo havia subido de repente lá para o céu, e os pequenos detalhes ainda precisavam ser ajustados. Meu coração tremia enquanto esperança e pânico cresciam em igual medida. A partir de hoje, Shimamura era meu lar. Essa era a mesma água em que ela havia acabado de tomar banho.

“Nnn...”

Ugh, para de reclamar! Decidi sair da banheira antes de superaquecer.

Depois de enrolar o cabelo numa toalha e vestir o pijama, fui para a sala, mas Shimamura não estava em lugar nenhum. No entanto, podia ouvir um som.

Seguindo o barulho, encontrei ela no quarto, olhando para dentro do armário. Curiosa, me aproximei por trás... e a vi segurando meu antigo *cheongsam* azul. “Oooh,” ela murmurou, acariciando o tecido macio. E, embora eu não estivesse usando no momento, ainda me senti envergonhada por algum motivo.

“O-quê tá acontecendo aqui?”

“Apenas relembrando os velhos tempos.”

“Hm.”

Pensando bem, aquele vestidinho tinha muitas memórias ligadas a ele. Caminhando pela cidade, jogando meu bumerangue... e por aí vai. Bons tempos aqueles, sem dúvida. Em determinado momento, me aconselharam a usá-lo enquanto pudesse, mas, como você deve imaginar, não era exatamente o tipo de vestido que eu podia encaixar no meu guarda-roupa do dia a dia.

Shimamura me analisou dos pés à cabeça e sugeriu: “E se você usasse de novo algum dia? Já faz um tempo.”

“Hã?!”

“Ah, espera — você usou no último Natal. Acho que não faz tanto tempo assim.”

“É, exatamente...”

Como isso virou uma tradição anual, eu nunca vou saber. Quero dizer, obviamente foi decisão minha. Eu me lembrava do primeiro ano em que escolhi usá-lo, mas não do processo de pensamento que me levou a isso. E a cada Natal depois, os detalhes só ficavam mais nebulosos.

“Uhhh... não sei, talvez você devesse usar pra variar,” murmurei de leve, puxando a manga da minha blusa.

“Hmm.” Ela pareceu considerar minha sugestão. “Bem...”

O olhar dela se perdeu — talvez se imaginando usando o vestido. Do mesmo jeito, eu a vesti mentalmente... Será que era só impressão minha, ou a Shimamura ficava melhor com cores quentes?

“Pra mim, o vestido chinês é a sua cara,” ela explicou.

“Hã?”

“E eu não quero roubar isso de você. Então, é isso.”

Com isso, ela fechou o armário e foi para o sofá. Eu não entendia muito bem — isso realmente importava? Enquanto eu secava o cabelo, ela se sentou com as pernas esticadas e ficou olhando para o nada.

“Com sono?”

“Depois do dia que tivemos? Com certeza.” Ela não estava bocejando, mas as pálpebras já estavam caindo. Era fofo, de um jeito infantil. “Mas agora que trabalhamos duro pra terminar, vamos poder descansar o dia todo amanhã!”

A voz dela ficava mais suave conforme o sono aumentava. Que coisinha mais fofa. Mas, na verdade, eu ainda não tinha visto um lado dela que não fosse fofo.

“Quer ir pra cama?”

“Claro.”

Apagamos as luzes da sala e caminhamos juntas até o quarto. Passamos o dia todo arrumando o apartamento, e diferente de ontem, a cama agora estava totalmente pronta. Só uma cama queen-size para nós duas — meus dedos formigavam só de pensar nisso, e a escuridão fazia minha cabeça girar.

Mas os olhos da Shimamura já estavam meio fechados. Nem o menor sinal de tensão.

O amado bichinho de pelúcia agora estava em cima de uma mesinha no canto do quarto, nos observando. Tinha uma carinha meio boba — será que ele tinha nome? Ao lado dele, estava o ursinho de pelúcia que antes pendia na mochila da Shimamura. Haveria algum motivo para os dois estarem lado a lado?

Ela foi a primeira a subir na cama. Depois que se acomodou, começou a ajeitar os travesseiros. “Pra ser sincera, você não precisa ir dormir na mesma hora que eu,” me disse depois que eu subi, mas eu sabia que ela provavelmente estava só tentando ser gentil — provavelmente.

“Mas uma vez que você está dormindo, não tem nada que eu possa fazer.”

“Boa observação.” Virando o travesseiro, ela apoiou a cabeça e assentiu satisfeita. “Você perdoa meu sono, querida?”

“Hã? Não é… quero dizer, ah, eu… tudo bem.”

“Ah, obrigada!”

Tendo me concedido sua gratidão superficial, ela virou de lado, enrolou o cobertor ao redor de si e se preparou para dormir. Eu também me deitei, mas, para ser sincera, ainda não estava nem um pouco com sono. Meus membros estavam em brasa. Com uma perna saindo debaixo do cobertor, apoiei a cabeça no travesseiro.

“Amanhã, vamos precisar fazer compras e encher a geladeira,” ela comentou.

“Certo,” respondi. Justamente assim, parecia que realmente estávamos morando juntas. Minha mente ficou confusa, e senti meu cabelo recém-seco esquentar de novo.

Pouco antes de fechar completamente os olhos, ela olhou para mim. “Boa noite.”

“Boa noite.”

A voz suave dela acariciava minhas palmas. Sua respiração suave marcava o ritmo da minha. Não consegui evitar espiá-la enquanto ela jazia ao meu lado, imóvel como uma estátua. O cabelo tinha caído levemente sobre a orelha, e a cada pequeno movimento, ele escorregava um pouco mais.

Inexplicavelmente, meu peito se apertou.

“Ainda parece uma peça de teatro,” murmurei, mas não obtive resposta. Ela já estava profundamente adormecida, os ombros subindo e descendo com sua respiração. Eu me lembrava dela dizendo que levava só cinco minutos para dormir toda noite, mas aparentemente era um exagero, porque parecia mais uns três.

Por outro lado, como alguém que costumava ficar acordada no escuro, perdendo sono por causa do nosso relacionamento, eu era o oposto completo. Só podia esperar adormecer pensando nas compras que faríamos amanhã. Forçando meus ombros tensos a relaxar, estiquei os braços e soltei o ar lentamente.

Com Shimamura deitada bem ao meu lado, parecia um desperdício ir dormir sem fazer nada especial. *Mas sempre há o amanhã*, eu disse a mim mesma enquanto rolava para deitar de costas.

Amanhã, e o dia seguinte, e o outro dia… e o resto da minha vida.

***

“Ok, Adachi, nos leve até o supermercado.”

“Uhh… siga em frente.”

“Ótimo, ótimo!” A voz dela voou adiante na perseguição do nosso destino.

Tínhamos dado uma olhada ao redor quando fomos visitar o apartamento, e novamente quando assinamos o contrato, mas essa era a nossa primeira vez explorando de verdade a nossa nova cidade. Escolhemos esse lugar com base no trajeto até os nossos trabalhos. Os prédios aqui eram um pouco mais altos do que os que tinham perto de casa. Enquanto caminhávamos, as pessoas que passavam pareciam bastante jovens, talvez por causa da proximidade com a faculdade local. Juntas, subíamos a colina suavemente inclinada. Diferente do caminho de casa para a escola, no entanto, nunca precisaríamos nos separar. Nossas mãos estavam unidas como se fosse a coisa mais natural do mundo, e a palma da mão da Shimamura carregava um calor que superava a primavera e ia bem até o começo do verão.

Daqui, nossa cidade natal ficava a cerca de noventa minutos de trem — nada impossível de enfrentar, mas longe o bastante para que as vozes dos nossos pais não alcançassem, e sem chance de encontrar um rosto conhecido. Juntas sairíamos, e juntas voltaríamos para casa, só nós duas. Nosso ritmo estava perfeitamente sincronizado.

“Então, o que você quer comprar?”

“Hã? Oh, uh… pão.”

“Certo, tem que ter pão. Mais alguma coisa?”

“Uh, água…?”

“Eu sabia que você ia dizer isso!” ela exclamou, como se um sonho tivesse se realizado. Era uma sugestão boba, mas a deixou tão feliz; eu não sabia bem o que sentir. “Você é como uma planta que come pão,” ela riu.

“O quê?” Pelo visto, eu falava demais sobre água. Imaginei um arbusto florido mastigando uma baguete. “Isso parece assustador.”

“E ainda assim você cresceu saudável! Que mistério.”

Ela colocou a mão na minha cabeça. Nossa diferença de altura não tinha mudado desde o dia em que nos conhecemos, com eu sendo só um pouquinho mais alta. Mas do meu ponto de vista, eu era uma bebê perto da Shimamura.

“Bem, isso é porque...” Minha garganta começou a doer.

“Porque o quê?” ela perguntou brincando. Eu quase podia sentir ela acariciando minhas bochechas e mandíbula, e eu me encolhi, meu cabelo caindo nos olhos.

“Porque, talvez... talvez minha mãe tenha feito um bom trabalho,” eu gaguejei lentamente, como uma criança emburrada. A mulher nem estava aqui com a gente, mas mesmo assim eu desviei o olhar. Continuamos andando por um momento, até que finalmente olhei para a Shimamura — e quando o fiz, nossos olhos se encontraram.

“Que bom ouvir isso,” ela disse, os olhos brilhando com o que parecia ser orgulho.

E assim chegamos ao supermercado e compramos os mantimentos que precisaríamos para o futuro próximo. Tudo que eu realmente fazia era seguir a Shimamura e colocar os itens no carrinho conforme necessário. Mas ela parecia se encantar com as frutas e verduras coloridas, e vê-la agindo como uma criança era mais do que suficiente para mim. Era isso que eu sempre quis.

Mais tarde, no caminho de volta para casa, paramos na loja da esquina. Shimamura pegou uma revista, olhou a capa rapidamente e logo a comprou. Ela não era exatamente uma leitora assídua, então, quando chegamos em casa, perguntei sobre isso.

“Vi o nome de uma amiga na capa,” ela explicou.

Então, enquanto estávamos sentadas no sofá folheando juntas, ela de repente ficou imóvel, com os olhos arregalados como dois pires. Eu olhei para ela, mas não vi nada de estranho.

“É realmente ela…”

Lá, na página toda colorida, havia uma jovem adolescente. Seu uniforme estava escorregando de um ombro, como se ela não estivesse acostumada a usá-lo; os olhos dela estavam bem abertos, como se estivesse um pouco nervosa, e embora fosse uma imagem estática, eu podia facilmente imaginar aqueles olhos expressivos se movendo de um lado para o outro. Ela era baixa, e seu cabelo longo e rebelde estava preso com um estranho grampo que dizia ESTAGIÁRIA.

“Então essa é sua amiga...?” eu perguntei.

“O quê? Ah, sim,” Shimamura riu. *O que é tão engraçado?* “Acho que ela é bem mais famosa do que eu imaginava.”

Segundo o artigo, essa garota era artista ceramista. Onde, afinal, ela e a Shimamura se conheceram? E que tipo de amigas seriam?

“Mnnnnn...”

“O que foi, Adachi-chan?” Ela cutucou meu lábio, e percebi que estava fazendo bico.

“Onde você a conheceu?”

Certamente Shimamura não teria muitas oportunidades de conhecer uma garota tão jovem. Comecei a temer que ela tivesse algum segredo.

Ela piscou para mim. “Como assim onde? Eu a conheci lá no interior.” Depois de um momento, pareceu perceber algo. “Aha,” ela sorriu maliciosamente, beliscando meus lábios, e eu me encolhi. “Poxa, é tão óbvio que você entendeu tudo errado, mas ao mesmo tempo, estou meio que gostando de te ver se contorcer...”

Parecia que ela tinha empurrado meu ombro e meu coração ao mesmo tempo. *Como assim entendi errado?* Tentei perguntar, mas meus lábios estavam sendo segurados. Parece piada, mas era um jeito surpreendentemente eficaz de me dominar.

“Confia em mim, não é o que você tá pensando. Anime-se, florzinha,” ela sorriu. Mas ainda não soltava, e eu já começava a ter dificuldade para respirar.

“Mmm! Mm-mmh!” eu protestei.

“Ah, certo. Desculpa.”

Ela percebeu o que estava fazendo, e no momento seguinte, meus lábios foram libertados. Mas então ela começou a olhar diretamente nos meus olhos, e isso me fez me encolher. *O que ela está fazendo...?*

“Sabe, acho que finalmente me acostumei a te ver de óculos,” ela continuou.

Ah. Eu toquei na minha armação azul. Em algum momento, comecei a usá-los em casa sempre que precisava ler algo, e escolhi azul porque a cartomante sempre dizia que essa era minha cor da sorte — e não estou brincando quando digo “sempre”.

Toda. Santa. Vez.

Nesse instante, Shimamura roubou meus óculos, colocou-os e fez uma pose.

“Tá linda!” eu disse para ela.

“Tá pegando melhor os sinais sociais agora, né?”

Rindo, ela devolveu meus óculos; eu os peguei e guardei no estojo. Enquanto isso, ela fechou a revista.

“A partir da próxima semana, teremos que sair para o trabalho,” suspirou, esticando as pernas. “Você ouviu isso? Trabalho!”

“Hã? É...?”

“Eu já tive muitos empregos de meio período, mas esse vai ser ainda mais difícil. Nem estou animada.”

Shimamura tinha trabalhado durante a faculdade; da mesma forma, eu tinha ralado muito para juntar uma reserva para a nossa nova vida juntas, além das economias do ensino médio. Naquela época, eu nunca tinha nada para gastar, mas agora as coisas eram diferentes. Finalmente, aqueles dias distantes de trabalhar sem rumo no restaurante chinês tinham valido a pena. Nesse sentido, talvez fosse possível, embora ilógico, que o futuro mudasse o passado.

“A sorte é que seu salário é maior que o meu, hein? Continua assim, campeã,” ela me disse, dando um tapinha no meu ombro.

Ela e eu trabalhávamos em duas empresas diferentes, e com razão. Primeiro, era surpreendentemente difícil conseguir emprego no mesmo lugar... e segundo, eu não conseguiria fazer nada se a Shimamura estivesse lá.

“A gente vai juntar uma grana, e aí, a gente vai...”

“Viajar para o exterior.”

“É, vamos fazer isso!”

Os olhos dela brilhavam como se tivesse encontrado um diamante, e se eu tivesse que apostar, os meus também brilhavam. Compartilhávamos o mesmo sonho — um desejo insubstituível que unia nossos corações.

“Você é muito mais talentosa que eu, Adachi.”

“O quê? Não sou!” Balancei a cabeça com força. Sinceramente, não conseguia pensar em uma única área em que eu fosse boa. Comparada a ela, eu era tão desajeitada, tão indefesa, tão fraca... Era um milagre ela não ter desistido completamente de mim mesma.

“Você sempre tirou notas melhores que as minhas — ah, e você é linda. Morro de inveja,” continuou, mexendo o dedo bem na minha frente.

Deixando de lado as notas: “Não, você é muito, muito mais bonita.”

“Hee hee! Não sei não.”

“Tô falando sério! Sem brincadeira!” Instintivamente, me sentei ereta — e quase bati a testa na dela. Mesmo tão perto, Shimamura estava tão linda quanto sempre. Então, antes que meu rosto ficasse vermelho, soltei: “Você sempre vai ser a garota mais bonita aos meus olhos!”

“…Ok,” ela assentiu, com a expressão meio dura. Será que estava... envergonhada? Uma cena rara. “Bem, não posso dizer que odeio ouvir isso. Be-le-za!” ela riu, passando a mão pelo cabelo.

Então, por algum motivo, ela se virou e olhou fixamente nos meus olhos. Nossas bochechas estavam tão próximas que se tocaram duas ou três vezes. O círculo de luz no centro da minha visão começou a se expandir — e então ela lambeu a ponta do meu nariz.

“Eegh!”

Fui pega tão desprevenida que surtei um pouco. O olhar dela subiu como se estivesse avaliando o sabor. “Huh, tem gosto de maquiagem.”

“Claro.”

Eu sentia um leve frio na ponta do nariz onde a saliva dela formava uma ponte entre minha pele e o ar. Ela olhou para o meu nariz e riu, os ombros tremendo de alegria. E já que ela estava se divertindo tanto, decidi que não me importava. Mas por que ela faria isso? Meus dedos tamborilavam contra o meu pé como se eu estivesse tocando piano.

Quanto à Shimamura, ela começou a balançar para frente e para trás, aproveitando o momento. Então, de repente, algo a trouxe de volta à realidade, e ela olhou lentamente por cima do ombro. Segui seu olhar pela porta entreaberta, mas tudo o que consegui ver foi a entrada da frente.

“O que foi?”

“Ah, é só que... estou tão acostumada a ouvir o som dos pezinhos correndo. Quer dizer, minha irmã já cresceu, claro, mas passei tantos anos com uma criança em casa, sabe? Mas agora esse som se foi.”

Eu pude perceber algo de triste na voz dela. Shimamura era uma pessoa calma, tranquila, que raramente mostrava seus sentimentos verdadeiros, mas nos últimos anos eu aprendi a perceber essas pequenas mudanças nela. Só que eu passei tanto tempo ignorando essas emoções que talvez eu nunca fosse realmente tão boa em detectá-las quanto uma pessoa comum.

Será que a irmã dela guardava alguma mágoa de mim? Se eu estivesse no lugar dela, com certeza guardaria. Ou talvez ela me odiasse desde o primeiro dia. Afinal, foi ideia minha eu e a Shimamura morarmos juntas. Mas... e se a própria Shimamura nunca quis de verdade...?

Olhei para ela. “Você sente falta dela?”

“Não diria tanto assim... Ok, talvez um pouco. Sim, meio que sinto,” ela admitiu com um sorriso, quase negando antes.

“Mesmo eu estando aqui do seu lado?” Lá no fundo eu sabia que a pergunta a deixaria desconfortável, mas não consegui me conter.

“Sim, mesmo você estando aqui do meu lado, Adachi,” ela respondeu honestamente. “Você e minha família ocupam lugares diferentes no meu coração.” Ela bateu no centro do peito, atraindo meu olhar — ops, não desse jeito. “Aqui dentro tenho muitos espaços. Você tem um, minha família tem outro, e o resto está cheio de cachorros e outras criaturas. Preciso de muitos porque sou gananciosa assim.”

Ela contou todos nos dedos, e enquanto eu observava, estendi silenciosamente só o meu dedo indicador. Enquanto ela e eu estivéssemos grudadas, como duas metades de uma maçã, eu não precisava de mais nada. Mas a Shimamura era diferente: cheia de buracos e cicatrizes, como a superfície da lua.

“Além disso, você não gostaria de ser da minha família, né?”

Depois de pensar um pouco, concordei. “Eu quero ser a sua número um.”

“Ha! Tem coisas que nunca mudam, né?” A risada dela era de uma mulher muito mais jovem, como se tivesse voltado no tempo. Depois de uma pausa, ela pressionou os dedos contra minha clavícula e empurrou bem de leve. “Sim, você ainda é a minha número um, Adachi.”

Assim, ela me tirou o fôlego — com os dedos, os lábios, a aura, a doçura, os caprichos e, talvez, com o amor dela.

“...Ok.”

“Eh, vou acabar me acostumando com a solidão. Os humanos são flexíveis assim.” Ela parou de olhar por cima do ombro e se virou para mim. Então, seu olhar começou a vaguear. “Agora que penso nisso, pode ser que a gente tenha um visitante em algum momento, gostando ou não.”

Ela se levantou e foi até a geladeira. Quando voltou, trazia duas bebidas em lata, uma das quais me entregou.

“Aviso justo: acabei de colocar na geladeira, então ainda não estão geladas.”

Passei os dedos pela lata; estava quase tão quente quanto pele humana. Da mesma forma, ela levantou a sua bebida e mostrou um sorriso aberto.

“Eu estava pensando que a gente poderia comemorar nosso novo apartamento com um brinde.”

“Ohhh.”

Agora eu entendia por que ela tinha comprado um pack com seis latas no mercado. Quando se tratava de bebida alcoólica, Shimamura não conseguia beber, e eu também não estava muito afim. Felizmente, era só suco de pêssego. Abrimos nossas latas.

“O que você tá brindando?” ela perguntou.

“Você,” respondi sem hesitar.

Ela deu uma risadinha tímida enquanto as latas de alumínio se tocavam com um tilintar. “Então tá, eu brindo a você, Adachi.”

“Então tá?” O que sou, um pensamento tardio? Mas, pelo menos, ela tinha retribuído, e no fim decidi que isso era suficiente. Dei um gole no suco doce, refrescando minha garganta como um aspersor num dia quente de verão.

“Gostou?”

“É bem doce.” Achei que esse comentário fosse razoável, mas por algum motivo ela caiu na risada. “O que tem de tão engraçado?”

“Você é tão esquisita!”

Hã? Olhei para a lata. Suco de pêssego. Suco é doce. Onde estava a mentira?

“Você pode ser tão incrivelmente apaixonada, e ainda assim soar tão entediada descrevendo comida.”

“Eu não tô entediada. Bem, ok, talvez eu esteja.”

“Você respondeu uma pergunta que era só sim ou não com ‘É doce.’ É só engraçado, só isso.”

É? Franzi a testa, confusa. Eu não entendia, mas ela estava certa: eu não me importava. Mesmo assim, queria me defender... mas como? Queria tocar o coração dela e fazê-la corar...

“Eu... eu só me interesso por você, Shimamura.”

“Sei,” ela respondeu casualmente.

Com a bebida pressionada aos lábios, ela me encarou. Assim, senti o doce na minha língua derreter num calor suave que subiu até meus olhos e ouvidos. Se eu mantivesse a lata perto da boca, talvez espirrasse suco para todo lado. Ela percebeu minha reação e sorriu satisfeita. Nunca, jamais, ganhei uma dessas discussões leves de casal.

Depois de terminar a bebida, ela bateu no colo, e eu deitei minha cabeça ali. Uma parte de mim reclamou por estar sendo tratada como um cachorro gigante, mas obviamente eu não ia recusar. Deitada de lado, percebi como meu cabelo estava ficando longo.

“Sabe...”

“Hm?”

“Me sinto mimada,” murmurei, enterrando o rosto nas coxas dela.

“Ah, não se preocupe. Amanhã vai ser a minha vez.”

“Tá.”

O perfume dela subiu pelo meu pescoço até as pontas do meu cabelo, e eu podia quase sentir seu peso a mais. Estremeci. Será que era assim a sensação de ter tudo o que eu sempre quis?

“Quentinho...”

“Bem, estamos na primavera.”

“Mais quente que a primavera.” Parecia que minha neve estava derretendo.

“É, eu também tô me sentindo bem quentinha.”

Enquanto ela acariciava minhas costas, falou com voz suave. Será que ela se sentia acolhida assim como eu? Meu coração acelerado foi desacelerando até encontrar um ritmo constante. Senti que podia passar horas e horas apenas percebendo isso vagamente, sem jamais me entediar.

Quem diria que o “para sempre” estava tão perto?

Ela não falou mais nada depois disso. Achei que ela realmente não precisava, mas logo comecei a sentir falta da voz dela de novo, então comecei a chamar seu nome, e quando levantei o olhar, descobri o motivo do silêncio.

“...Você adormeceu sem mim.”

A cabeça dela balançou enquanto se sentava ereta no sofá. Por mais que eu quisesse sustentá-la, eu já estava deitada, então só pude observar. E enquanto eu olhava para o padrão do teto vislumbrado entre os fios do cabelo dela, sentia minha mente e visão ficando turvas — não de sono, mas de plenitude. Ela era uma folha, oferecendo sombra ao sol, e eu podia sentir uma brisa fresca. Flutuei naquele momento, embalada pelas ondas da eternidade.

Isso seria meu novo normal: Shimamura quando eu acordasse, Shimamura quando fosse às compras, Shimamura o dia todo e a noite toda. Não importa o que ocorresse, ela sempre estaria ao meu lado.

“Nnnn...”

Eu disse para parar de reclamar!

Por falta de um adjetivo melhor, soltei um suspiro silencioso e profundo de felicidade.

“Legal.”

***

Mais tarde naquela noite…

“Que horas você vai dormir hoje?” perguntou Shimamura de repente, enquanto conversávamos sobre as comodidades do bairro.

“Hã? Ah, q-qualquer hora tá bom.”

“Qualquer hora?”

“É.”

“Então tá, eu vou pra cama agora mesmo!” declarou animada, marchando até o quarto.

Você realmente precisa da minha permissão? E você já não tinha tirado um cochilo...? Mesmo assim, fui atrás dela. Mas justo então, ela parou de repente.

“Eu sabia! Sabia que você ia me seguir!”

“Bom, eu não…”

“Tem nada melhor pra fazer? Sério?”

“Nada além de… estar com você.” Essa era minha prioridade máxima.

“Tá, tá,” ela assentiu distraidamente. “Bom, quando começarmos a trabalhar, talvez não tenhamos tantas chances de dormir juntas, né?”

Exato. Para a surpresa de ninguém, trabalhar significava passar menos tempo como casal. Por isso, eu queria aproveitar ao máximo enquanto ainda dava. Era por isso que eu a seguia tanto — não porque eu fosse um cachorrinho de colo.

Provavelmente.

Diferente da noite anterior, dessa vez estávamos indo para a cama completamente acordadas, então eu estava nervosa por um motivo totalmente diferente. *Nervosa com o quê, exatamente?* Meu dedo médio começou a se contrair. Se eu não tomasse cuidado, era capaz de começar a andar feito um robô… Por outro lado, pelo menos eu ainda estaria andando.

“Ah, preciso ir ao banheiro.”

De repente, ela mudou de direção e foi para o banheiro perto da porta de entrada. Fiquei para trás, andando de um lado pro outro no quarto, sem saber onde ficar ou esperar. No fim, decidi me ajoelhar na cama.

Por algum motivo — talvez por causa das nossas mãos dominantes — eu naturalmente acabava dormindo do lado direito da cama, perto da janela. Fiquei olhando para as cortinas fechadas e imaginando a paisagem noturna além delas, luzes velozes correndo ao longe.

“Por que você tá ajoelhada?” perguntou Shimamura ao entrar.

“Ah, eu, é… só deu vontade.”

“É impressionante como você mantém uma boa postura sem esforço! Essa é minha garota,” ela resmungou como uma vovozinha enquanto subia na cama e imitava a minha posição.

Mas agora que estávamos ajoelhadas uma de frente para a outra, isso acabou trazendo certos pensamentos e memórias à minha mente, e comecei a me sentir tonta. *Não é nada*, sussurraram minhas orelhas em chamas. Não eu — minhas orelhas.

“E-eu tô ansiosa por isso!” soltei de repente, ao perceber que ainda não tinha agradecido a ela pela oportunidade de passar a vida ao seu lado. Ela congelou.

“É, eu também,” respondeu, parecendo um pouco desconcertada enquanto puxava o cobertor. E, ao enfiar uma perna por baixo dele, senti uma certa distância surgir entre nós.

“E-eu não quis insinuar nada com isso!” gaguejei, completamente dura.

“Tem certeza…?” ela perguntou, com a mesma rigidez.

“Absoluta…” murmurei, sem conseguir dizer mais nada.

“Ah, droga, esqueci!” Ela rolou para fora da cama e mancou até o interruptor. “Boa noite!”

“Tá.”

Com um clique, a escuridão tomou conta do quarto. Ouvi seus passos voltando até a cama. Então sua cabeça afundou no travesseiro, e eu percebi um sorriso no rosto dela.

“Você parece tão feliz quando dorme, Shimamura.”

“Sério? Nunca dormi na frente de um espelho, então não sei.” Ela beliscou as próprias bochechas e fez uma careta. Pelo visto, não conseguia ver isso. “Mas, tipo, não é reconfortante se enfiar na cama no fim do dia? Tipo ‘Aaaah, acabou’?”

“Sempre fico ansiosa pensando no amanhã.” Eu me revirava na cama, imaginando o que faria com a Shimamura no dia seguinte.

“Amanhã, hein? Bom, amanhã a gente vai limpar a casa e lavar roupa. Ha ha haaaaa.” Sua risada sem graça sumiu junto com o olhar que desviava. “Além disso, vamos ter que cozinhar, fazer compras, e ainda vamos trabalhar, além de tudo isso. Vai ter muita coisa que a gente vai precisar fazer pra sobreviver. Aff, é… a gente só vai ter que dar o nosso melhor. É, vamos precisar descansar bem hoje,” ela assentiu. Mas não parecia nem um pouco animada.

Ficamos nos encarando, quase como se competíssemos para ver quem desviaria ou fecharia os olhos primeiro. Eu via meu reflexo nas pupilas dela, e da mesma forma, as minhas refletiam as dela. Ali, naquele espelho infinito, criamos um mundo só nosso.

“Boa garota.” Ela estendeu a mão e acariciou meu cabelo, a sombra do braço cobrindo metade da minha visão.

“D-de onde saiu isso?”

“Bom, você tava me encarando, então achei que queria que eu fizesse isso.”

Minha primeira reação foi fazer bico, mas pensei melhor. “Eu não queria… mas agora quero.”

“Você consegue ser bem enigmática às vezes, sabia? Você é impossível,” ela sussurrou, com a voz ondulando como a superfície de um lago límpido.

Enquanto afundávamos na profundidade da noite, saboreei aqueles breves e preciosos momentos, escorrendo como água entre os dedos. Era isso que significava viver com a Shimamura. Ela era o cobertor macio que me mantinha feliz, aquecida e segura…

Sério? Essa é a melhor metáfora que eu consigo aleaborar? Macia como… tofu… ou uma esponja de lavar louça… Argh, esquece. Onde eu estava? Ah, sim.

A mão dela ainda descansava sobre mim. Estávamos conectadas. E eu precisava dela como meus pulmões precisam de oxigênio.

De todas as pessoas que conheci na vida, quase nenhuma gostou de mim. Na maioria das vezes, a culpa era minha; ou elas simplesmente não demonstravam interesse, ou, quando demonstravam, acabavam se afastando antes que eu aprendesse a retribuir. Eu não corria atrás — só continuava andando. Então o problema era, sem dúvidas, meu, e provavelmente nunca iria consertá-lo enquanto vivesse.

Porque meu sonho já tinha se realizado. Talvez eu não fosse boa com pessoas, mas eu não podia viver sem a Shimamura. Ela era o encaixe perfeito para os meus desejos, orações e esperanças para o futuro. A peça que faltava no quebra-cabeça da minha vida. Eu precisava dela, me apaixonei por ela, e ela se apaixonou por mim também. Eu era a garota mais sortuda do mundo.

“Shimamura?”

“Siiiiim?”

Eu…

“Eu te amo,” sussurrei, sentindo meu sangue correr ao contrário nas veias.

Os olhos dela se arregalaram por um instante. Então ela caiu na risada e bagunçou meu cabelo como se estivesse se divertindo horrores.

E assim, terminei o dia enrolada num berço chamado Shimamura. Levei uma das mãos até as pernas e a pressionei com carinho, agradecendo por terem me carregado até meu final feliz.